

LES 380 Agricultura familiar: definição no âmbito de uma comparação internacional

Aline Espassa Caldeira **nº USP:** 8607731
Patrícia Moreira de Souza **nº USP:** 8563010

Com ajustes do professor

O texto em análise (introdutório do livro de Hugues Lamarche, *Agricultura familiar: Uma comparação internacional*) traça um panorama internacional a cerca das diferentes realidades da agricultura familiar pelo mundo. Inicialmente, o autor discorre sobre as dificuldades em se estabelecer uma definição precisa do que pode ser considerado, agricultura familiar. Lamarche afirma que o estabelecimento de uma definição muito restritiva provoca uma exclusão de diferentes casos pertinentes que deixariam de ser estudados. Assim, o risco é de deixar de lado situações particulares.

Entretanto, visto o propósito de se estabelecer uma metodologia comparativa, o autor concebe uma definição mínima de agricultura familiar, aquela “unidade de produção agrícola onde propriedade e trabalho estão intimamente ligados à família”. Porém, conforme discutido em sala de aula, os termos “propriedade” e “intimidade” podem ser inadequados e imprecisos, a definição deixando de abarcar uma série de realidades de agricultura familiar.

Por outro lado, o estabelecimento de critérios técnico-quantitativos para o enquadramento na categoria agricultor familiar se justifica à medida que leis e políticas públicas visam beneficiar a agricultura familiar. Assim, estabelecer claramente o “público alvo” torna-se essencial.

Estabelecida tal definição, o autor explica diferenças entre a exploração camponesa e aquela familiar. Com suas características socioculturais, “a exploração camponesa é sempre familiar”, mas nem toda a exploração familiar é camponesa. Ainda, explica que a exploração familiar pode se diferenciar muito em questões como modo de produção, tamanho e tecnologia, apresentando, assim, organizações que podem se diferenciar muito entre si.

O autor lembra que os exploradores familiares fundam em grande medida suas decisões na memória que guardam de sua história e nas ambições para o futuro. Dessa forma, é evidente que, muitas vezes, o futuro da agricultura familiar depende do curso das ações do explorador. Conforme comentado em sala de aula, o deslocamento de famílias para outras áreas, diferentes daquelas onde estavam instaladas por gerações, é uma realidade comum no Brasil. Deste modo, muitas dessas famílias encontram dificuldades em se reestabelecer em novas áreas.

O autor também destaca que as explorações se encontram sob diferentes influências do processo de evolução histórica. Ou seja, os diferentes modelos de exploração não são todos levados a seguir um mesmo rumo para o futuro ou a ter um destino comum, pois as decisões dos exploradores, as condições ambientais de cada região e as decisões políticas conduzirão a uma multiplicidade de modos de produção.

Aprofundando nessa questão, o autor também destaca a flexibilidade da agricultura familiar, que se adapta a diferentes condições e exigências políticas, técnicas, legais, sociais, climáticas e, até mesmo, às flutuações de mercado. Como exemplo, o modelo empreendimento agrícola tem como foco a inserção profunda no mercado, muito além do consumo interno e da subsistência da família. Neste caso, existe vulnerabilidade em razão da grande dependência das diferentes condições de mercado.

Finalmente, são expostas pelo autor as condições de bloqueio e ruptura, as quais a agricultura familiar está sujeita. Na primeira situação, o bloqueio seria a dificuldade de acesso a políticas e auxílios para seu fortalecimento, o que impede o avanço da agricultura familiar, especialmente em termos produtivos. Já a ruptura se remete à ideia de desaparecimento completo da produção familiar, causada por sucessivos bloqueios.